

(controle), estressadas por calor de 12h00 às 13h00 do 16° ao 21° dia de idade, estressadas do 22° ao 42° dia e estressadas do 16° ao 42° dia, por meio de campânulas de infravermelho instaladas a 1,80 m do piso. No 42° dia, foram abatidas seis aves por tratamento para determinação da composição da carcaça. Os resultados obtidos foram submetidos à análise de variância e ao teste de comparação de médias de Tukey 5% de probabilidade (SAS 9.2). Não houve diferença significativa para proteína e extrato etéreo entre os tratamentos testados, entretanto, houve diferença para matéria mineral onde o tratamento controle apresentou maior valor de 7,35% de cinzas na matéria seca, semelhante estatisticamente ao segundo tratamento que apresentou 6,87% de cinzas e diferente dos demais. Conclui-se que apenas o estresse cíclico por calor durante uma hora do dia de 22 a 42 dias e 16 a 42 dias apenas alterou a composição da matéria mineral da carcaça.

Palavras-chave: Ambiente, Avicultura, Análises Bromatológicas da Carcaça.

Agradecimento: a FAPEMIG pelo apoio financeiro.

SAÚDE E PRODUÇÃO DE RUMINANTES E EQÜÍDEOS

P-151

AÇÃO DA DESSECAÇÃO IN VITRO SOBRE CEPAS DO AGENTE DA LINFADENITE CASEOSA, *CORYNEBACTERIUM PSEUDOTUBERCULOSIS*

Albério Antônio de Barros Gomes¹; Marcelo Laurentino dos Santos Junior²; Arcanjo Bandeira de Goes³

¹Professor do curso de Medicina Veterinária da UFCG, ²aluno de Iniciação Científica da UFCG, ³aluno de graduação em Medicina Veterinária. E-mail: junior.vetmed@gmail.com.

O *Corynebacterium pseudotuberculosis* é um cocobacilo gram positivo resistente a condições abióticas extremas, que promove a contaminação de instalações, pastagens, responsável pela linfadenite caseosa presente em grande parte dos rebanhos de caprinos e ovinos do semiárido paraibano. Na ausência de água, uma condição conhecida como dessecação ou ressecamento, as bactérias interrompem o seu metabolismo, porém podem permanecer viáveis por longos períodos, mesmo diminuindo a fase exponencial de crescimento. Outros fatores podem ser responsáveis para essa diminuição, como a competição por nutrientes devido a sua redução, acúmulo de produtos de degradação assim como por mudanças de pH danosos para a célula. No caso do *C. pseudotuberculosis*, a composição de sua parede celular pode permitir sua viabilidade no ambiente por até 55 dias em fômites contaminados por pus, ou até oito meses em diversas faixas de temperatura e umidade. *In vitro*, o microorganismo cresce com 24 h de cultivo em meios como ágar sangue e BHI, enriquecidos com sangue ou soro animal. Em virtude da escassez de informações a respeito da susceptibilidade desse patógeno a diversos agentes físicos *in vitro* e suas características de cultivo, o presente trabalho investigou o tempo de viabilidade do *C. pseudotuberculosis* através do processo de dessecação. Dessa forma, dez amostras colhidas a campo, oriundas de abscessos de caprinos e ovinos, foram cultivadas em meio ágar BHI e posteriormente identificadas por sua morfologia colonial, coloração de gram e métodos bioquímicos. Após a identificação, foram efetuados três repiques com intervalos de sete dias em meio ágar BHI para avaliar se a bactéria resistia a condições elevadas de desidratação para manter seu metabolismo e crescimento. Assim, foram realizadas repicagens das mesmas amostras com sete, 14 e 21 dias após a primeira incubação, em estufa bacteriológica a uma temperatura de 37°C, e, com leituras a partir de 24 horas de cultivo, permitindo assim a observação de todas as fases de crescimento bacteriano. Constatou-se a formação de um número considerável de Unidades Formadoras de Colônias (UFC) mesmo após

21 dias de cultivo, demonstrando-se dessa forma a baixa vulnerabilidade do microorganismo a condições abióticas. Dessa maneira é necessário a realização novos testes com diferentes agentes abióticos *in vitro* e no meio ambiente para que possam ser formuladas melhores medidas de controle para esse agente.

Palavras-chave: Desidratação, bactéria, resistência.

SAÚDE E PRODUÇÃO DE RUMINANTES E EQÜÍDEOS

P-152

ADMINISTRAÇÃO CONTÍNUA DE OPIÓIDE VIA CATETER EPIDURAL EM EQUINO: RELATO DE CASO

Débora Passos Hinojosa Schaffer¹; Vivian Fernanda Barbosa²; Carlos Hiroshi Duarte Iwassa³; Anna Fernanda Machado Sales da Cruz Ferreira⁴; Talita dos Santos Lima⁵

¹Pós-graduanda do Programa de Pós-graduação em Ciência Animal nos Trópicos da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: debi_schaffer@yahoo.com.br; ²Professora Adjunta de Anestesiologia e Terapêutica Veterinária da UFBA; ³Médico Veterinário autônomo do Serviço Móvel de Anestesiologia Veterinária (SEMAVET); ⁴Professora de Semiologia e Clínica Médica de Grandes Animais da União Metropolitana para o Desenvolvimento da Educação e Cultura (UNIME); ⁵Médica Veterinária Residente em Anestesiologia - Programa de Residência Veterinária (UNIME).

A dor geralmente é um dos primeiros e mais dominantes sinais da injúria ou doença em equinos. Os opióides são analgésicos amplamente empregados no combate aos processos dolorosos, no entanto o uso da morfina nesta espécie tem sido desencorajado, dada a possibilidade de ocorrerem efeitos colaterais severos. O presente trabalho relata a eficácia analgésica da morfina via peridural contínua no tratamento da dor crônica. Um equino, fêmea, da raça Mangalarga Marchador, apresentava processo inflamatório crônico da região metatársica posterior com tecido de granulação exuberante. A paciente apresentava sinais clássicos de dor como hiporexia, desuso e claudicação do membro afetado, irritação e estresse, dor a palpação com resposta agressiva (coices). Foi realizada a cirurgia plástica reparadora da lesão com manutenção anestésica com isoflurano. Para analgesia pós-operatória procedeu-se a colocação do cateter peridural. A paciente foi posicionada em decúbito lateral direito e foi realizada a tricotomia e antisepsia da região lombossacra. O espaço peridural foi acessado com agulha de Tuohy 18G e após teste de sucção da gota pendente e ausência de resistência à injeção, introduziu-se o cateter epidural 20G. A fixação do cateter foi realizada com fio de nylon 3-0 em pontos simples separados na região dorsal da garupa, sendo sequencialmente coberto com gaze embebida de solução de iodopovidona a 0,1% fixada com esparadrapo. A antisepsia do local de implantação foi realizada a cada 24 horas. Administrou-se morfina na dose de 0,1mg/kg, diluída em solução de cloreto de Sódio a 0,9% em volume final de 20 ml. O tratamento manteve-se por quatorze dias seguidos, mantendo-se a dose do opióide. Os sinais de dor anteriormente apresentados foram cessados. Após a instituição do tratamento analgésico, houve melhora clínica significativa (normorexia, redução do estresse e irritação, posicionamento e apoio do membro afetado e ausência de dor a palpação). Não foram observadas alterações comportamentais excitatórias e redução da motilidade gastrointestinal. O curativo da região da punção e fixação do cateter epidural foi eficiente, não havendo sinais de infecção. A utilização da morfina via epidural na dose de 0,1 mg/kg foi técnica segura e eficaz para obtenção de analgesia pós-operatória durante quatorze dias, não ocorrendo qualquer alteração comportamental e gastrointestinal no equino.

Palavras-chave: analgesia, morfina, dor pós-operatória